

Crítica // **Divertimento** ★★★

Uma sinfonia do esforço

Ricardo Daehn

No lugar da batuta, uma baguete; numa sala de aula para músicos, nenhum púlpito destinado a professor e ainda uma série de boicotes para a maestrina que tenta comandar ensaios. Numa realidade em que menos de 5% das vagas são ocupadas por mulheres à frente de orquestras, a franco-argelina Zahia Ziouani (jovem, na telona, e representada por Oulaya Amamra) foi atrás do que pretendia, revolucionando a esfera machista de um conservatório, quando tinha, em 1995, apenas 17 anos. Dez anos antes, ao som do Bolero de Ravel, na periferia parisiense de Pantin, ela teve o gosto pela qualidade instrumental

impulsionada pelo pai, interpretado no filme pelo entusiasmado Zinedine Soualem.

Distante da limitação acadêmica, Zahia é esquadrihada pelo cinema de Marie-Castille Mention-Schaar de modo meteórico, porém bem estruturado. Lina El Arabi, que dá vida à Fettouma, a irmã de Zahia, outra instrumentista, pactua que música seja tempo e ritmo, mas ainda alinha música ao pulsar da vida. A postura de Zahia é mais severa, pressionada, aprende a exalar a música como uma conquista coletiva. No subtexto do filme está o respeito pelas culturas diferenciadas, a intolerância de vizinhos (que ouvem ensaios como “barulho”) e o dia a dia respeitoso aos músicos, independente

IMOVISION



Divertimento: escalada para o sucesso

da autoridade da regente.

Entre repetição e persistência, pequenos fracassos pessoais e desafio a conservadores, Zahia adquire vivência, relevando interferências externas e prezando pela espontaneidade. Depois de alinhada à disputa no Festival de Cannes, por *A good man* (2020), a

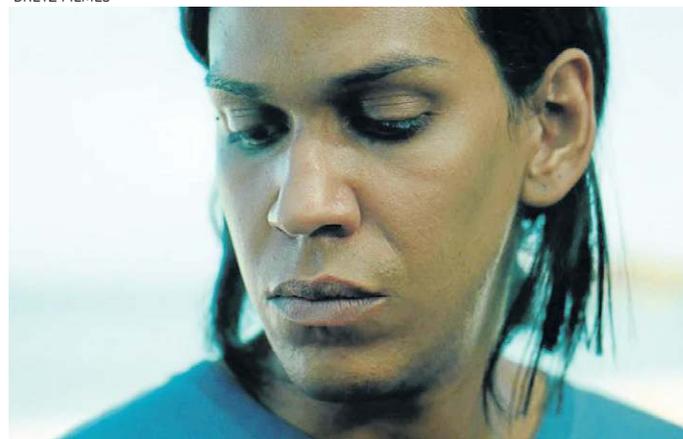
diretora Marie-Castille descreve uma carreira de retidão, regida pela esperança depositada na força da periferia de Stains. Personificando o maestro Celibidache, o ator Niels Arestrup (*O profeta*) favorece o despontar do mito contemporâneo ilustrado na figura da potente maestrina Zahia.

Crítica // **A filha do pescador** ★★

BRETZ FILMES

Existência embalada pelo mar

Existe um quê rudimentar no filme do colombiano Edgar De Luque Jácome, fator capaz de lhe conferir extrema autenticidade. O filme se vale de uma estrutura louvável de coprodução rara entre países como República Dominicana, Colômbia, Porto Rico e Brasil, e traz como distribuidora a Bretz Filmes, de títulos como *Sinfonia de um homem comum* e *Gabriel e a montanha*, ancorados em temas ligados à solidão. Com *A filha do pescador* não é diferente: “ladrona, prostituta

Quebra de preconceito: *A filha do pescador*

e traficante”, como chega a se dizer, a protagonista Priscila (Nathalia Rincón) está sozinha numa ilha da qual pretende partir para a Venezuela.

Muitos são os acertos de contas e as pendências: no pai, Samuel (Roamir

Pineda), não vê aceitação, enquanto zela pela memória da mãe e busca isolamento. A chegada de Priscila (que muitos ainda insistem em chamar de Samuelzinho) tem certo respaldo na figura do tio Ruperto (Roosevelt Rafael González),

enquanto alguns se queixam de ela poder “enviar a pesca” dos profissionais como o pai.

“O mundo ainda é o mundo”, com ou sem Priscila, como diz um personagem, e a narrativa parte de conflito para desenhar algo de aproximação entre familiares, por anos, dispersos. Bem encadeada, a história simples conta com toques dos brasileiros Karen Akerman e Ricardo Pretti, na montagem. Amargurado, o pai de Priscila se diz autônomo e irredutível (tendo um arpão empunhado como símbolo deste rigor). Sem uma conclusão absolutamente fechada, o final do longa se mostra bem poético e crível. (RD)